MULHERES NEGRAS RESISTEM NA FICÇÃO DE ESMERALDA RIBEIRO E CONCEIÇÃO EVARISTO¹

BLACK WOMEN RESIST IN THE FICTION OF ESMERALDA RIBEIRO AND CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria do Rosário A. Pereira²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar uma leitura dos contos “Guarde segredo”, de Esmeralda Ribeiro, e “Quantos filhos Natalina teve”, de Conceição Evaristo, os quais dialogam sob a perspectiva do feminismo interseccional. Ambos apresentam protagonistas que resistem a formas de submissão da mulher negra: no primeiro conto, a personagem não aceita ser tratada como mero objeto sexual; no segundo, questionam-se os significados da maternidade e suas implicações. Como referencial teórico, utilizam-se textos de Eduardo de Assis Duarte, Florentina Souza, Edmilson de Almeida Pereira, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura negra. Interseccionalidade. Esmeralda Ribeiro. Conceição Evaristo.

ABSTRACT: The objective of this paper is to present a reading of the tales “Guarde segredo”, by Esmeralda Ribeiro, and “Quantos filhos Natalina teve”, by Conceição Evaristo, which dialogue from the perspective of intersectional feminism. Both have protagonists who resist forms of submission by the black woman: in the first story, the character does not accept being treated as a mere sexual object; in the second, the meaning of motherhood and its implications are questioned. As a theoretical bibliography, texts by Eduardo de Assis Duarte, Florentina Souza, Edmilson de Almeida Pereira, among others, are used.

KEYWORDS: Black literature. Intersectionality. Esmeralda Ribeiro. Conceição Evaristo.

¹ Artigo recebido para avaliação em 08/05/2020 e aceito para publicação em 05/07/2020.

² Doutora em Letras – Estudos Literários pela UFMG; professora dos cursos técnicos e de graduação em Letras no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG; membro dos grupos de pesquisa Letras de Minas/Mulheres em Letras, Atlas, Mulheres na Edição e Mulheres e Ficção. ORCID: 0000-0002-4797-5724; ResearcherID: AAV-2536-2020. Declaro ter perfil no Google Acadêmico. E-mail: mariadorosario58@gmail.com.

Raça e gênero na literatura brasileira: considerações preliminares

A literatura negra (ou afrodescendente ou afro-brasileira, como queiram)³ vem sendo muito discutida na Academia nas últimas décadas. De acordo com Afrânio Coutinho, em seu célebre texto “A literatura afortunada”, capítulo da obra *A tradição afortunada – o espírito da nacionalidade na crítica brasileira*, de 1968, o sentimento nacional, que aparece no Romantismo em textos como, por exemplo, “Instinto de nacionalidade”, de Machado de Assis, teve sua máxima expressão com o movimento modernista, de 1922. Sendo assim, o nascimento e a evolução de uma tradição, isto é, de uma consciência nacional acerca da literatura, consciência esta adquirida inicialmente por meio da apreciação da natureza americana, da expressão de uma certa cor local, alcançaria sua maturidade no século XX. O crítico sintetiza o problema da influência e da nacionalidade ao afirmar que o escritor brasileiro “pode ir buscar a especiaria alheia, mas há de sempre temperá-lo com o molho de sua fábrica”.

Edmilson de Almeida Pereira, fazendo uma analogia com a expressão “tradição afortunada”, pondera que a literatura afro-brasileira, por sua vez, se insere na “tradição fraturada” da literatura brasileira. Em seu artigo “Panorama da literatura afro-brasileira”, ele aborda autores e obras dos séculos XVIII, XIX e da primeira metade do século XX para justificar tal afirmação. Ao longo de nossa história literária, padrões de escrita europeus foram seguidos tanto por autores brancos como, inclusive, por autores negros ou mestiços; dessa forma, tanto o critério étnico quanto o temático não justificam, por si só, a existência de uma literatura afro-brasileira. De acordo com Pereira,

é preciso buscar um critério pluralista, estabelecido por uma orientação dialética, que possa demonstrar a Literatura Afro-Brasileira como uma das faces da Literatura Brasileira—esta mesma devendo ser percebida como uma unidade constituída de diversidades. (Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/literafro>.

³ Fernanda R. Miranda destaca o fato de não existir uma concordância entre os próprios autores negros acerca dessas nomenclaturas. O mais importante, contudo, é compreender esse tipo de literatura como uma literatura que ressignifica a palavra “negro”, “retirando-a de sua conotação negativa, construída desde os tempos coloniais e que permanece até hoje, para fazê-la significar autorreconhecimento da própria identidade” (Miriam Alves *apud* MIRANDA, 2019, p. 19).

Como se nota, Pereira percebe a tradição literária brasileira não de modo estanque, mas sim de forma dinâmica, podendo ser ela reinterpretada ou mesmo rasurada, levando-se em conta o próprio processo de colonização por que passamos. Nossa tradição seria, assim, uma tradição “fraturada”. Com o advento dos Estudos Culturais e o questionamento a um Estado-Nação hegemônico, universal, pouco inclusivo, ao colocar sob o mesmo rótulo grupos pertencentes a culturas diversas, tem-se espaço, hoje, para que as vozes até então inaudíveis e dissonantes no cânone literário possam finalmente ser ouvidas. É por isso que, retomando Pereira, a literatura afro-brasileira deve ser percebida como um “braço” da literatura brasileira, levando-se em conta suas especificidades. Tais especificidades foram mapeadas por Eduardo de Assis Duarte ao propor, de certa forma, uma releitura dos elementos constituintes de um sistema literário, ideia esta preconizada por Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira*. Para Candido, um sistema literário constitui-se de três fatores basilares: autor, obra e público. Duarte, ao propor uma sistematização sobre os critérios definidores da literatura afro-brasileira, pontua que seriam eles:

uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo (Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 1 jul. 2019).

Duarte amplia, então, essa ideia de sistema literário para abarcar aspectos específicos do texto literário que exprime o ponto de vista afro-brasileiro, ponto de vista este interno, nada estereotipado e que busca contemplar a experiência de quem vivencia determinadas situações singulares, como por exemplo o preconceito racial.

No que se refere às escritoras, especificamente, as demandas da literatura de autoria feminina negra são ainda mais am-

biciosas do que posicionar-se como sujeito do próprio discurso, uma vez que a mulher negra enfrenta concomitantemente o preconceito racial e o sexismo. Historicamente, portanto, escritoras e intelectuais negras produziram seus próprios textos de literatura e constituíram seu próprio repertório teórico, os quais espelham suas demandas, uma vez que não se equiparam ao homem negro, por serem mulheres, tampouco se aproximam do feminismo tradicional, em sua gênese, branco e burguês. Daí a ideia da interseccionalidade, que, nas palavras de Carla Akotirene, é

uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, e as articulações decorrentes daí, que imbricadas repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas. (Disponível em: <www.geledes.org.br>.)

Partindo deste raciocínio, discutem-se, neste trabalho, os contos “Guarde segredo”, de Esmeralda Ribeiro, e “Quantos filhos Natalina teve”, de Conceição Evaristo. Em ambos os textos as protagonistas têm atitudes de resistência à estrutura patriarcal ainda vigente, e em suas vivências imbricam-se aspectos relativos a gênero e raça, mostrando que, para o corpo feminino negro, a conjuntura discriminatória apresenta-se ainda mais contundente.⁴

“Guarde segredo”: a literatura reescreve a opressão

Esmeralda Ribeiro é uma escritora negra que faz parte da chamada Geração Quilombhoje, coletivo de escritores negros que se formou na década de 1970 e a partir de então edita, com regularidade, coletâneas de escritores negros, alternando prosa (conto) e poesia: os *Cadernos Negros*. “Guarde segredo” é um conto que foi publicado num destes *Cadernos*, tendo sido selecionado para a antologia *Cadernos negros: os melhores contos* (1998).

⁴ Grada Kilomba enumera autores que se referiram a um “duplo” ou “triplo” fardo nas posições ocupadas pela mulher negra, “no sentido de que mulheres negras experienciam racismo, sexismo e/ou lesbofobia”. A autora salienta, no entanto, que tais abordagens são insuficientes: “Formas de opressão não operam em singularidade; elas se entrecruzam.” (KILOMBA, 2019, p. 98).

No referido conto – uma releitura de *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto –, a protagonista subverte o texto literário original, ao se rebelar contra o *status quo* e contra uma ordem patriarcal que relega à mulher negra mero papel sexual. Considerado por Octávio Ianni um dos fundadores da literatura brasileira ao lado de Machado de Assis e Cruz e Sousa, Lima Barreto escreve a primeira versão de “Clara dos Anjos”, sob a forma de conto, em 1904. No entanto, este texto só seria publicado em 1920, no livro *Histórias e sonhos*. Em 1922, conclui o que seria a versão final da novela – mesmo ano da morte do autor, versão esta só publicada em 1948. O enredo gira em torno da sedução sofrida pela mulata Clara pelo malandro Cassi Jones, ludibriada a ponto de se entregar a ele sexualmente e sofrer humilhações ao procurar a mãe do rapaz, expondo a fragilidade da mulher negra em uma sociedade que recém abolira a escravidão sem, contudo, equiparar, em termos socioeconômicos e culturais, negros e brancos. No corpo feminino negro, visto como objeto erótico, o homem branco perpetua as sevícias antes cometidas pelos senhores sobre suas escravas. Os subúrbios e as favelas, como o subúrbio carioca no texto em xequê, são, agora, o lugar que resta a essa parcela marginalizada da população.

Em “Guarda segredo”, o intertexto com Lima Barreto se faz pela subversão dos fatos, a começar pela caracterização da personagem central: a jovem Clara, figura esmaecida na ficção de Barreto, “acéfala e de natureza amorfa”, nas palavras de Sueli Meira Liebig (2018), torna-se perspicaz e crítica na releitura de Ribeiro. Em formato de carta dirigida a uma “prezada senhora”, o conto de Ribeiro inicia-se com a reflexão da narradora que se afirma “ator-doadada” perante os “fatos estranhos” que aconteceram naquela casa em que morara: “‘Foi ele quem pediu pra voltar’, foi a última coisa que vovó disse.”⁵ A moça, que por questões financeiras foi obrigada a morar no subúrbio do Rio de Janeiro com a vó Olívia, passa a habitar uma misteriosa casa antiga. A menina escuta conversas, risos e um “tec-tec-tec”, onomatopeia esta responsável por indicar o barulho da máquina de escrever que, como se verá mais tarde, é o instrumento pelo qual a primeira história de Clara dos Anjos – a de Lima Barreto – é reescrita. Recebida com um “eu

⁵ Todas as citações do conto estão disponíveis em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/961-esmeralda-ribeiro-guarda-segredo>>.

te esperava” por parte da avó, a narradora exprime a sensação de que ela já sabia sobre o despejo ocorrido da quitinete em Copacabana. Essa espera da avó, como se verá, é mais do que uma espera momentânea, e sim a espera de que a neta cumprisse um destino maior, já planejado, a saber, o destino de reescrever a história da mulher negra pobre eternamente objetificada e subjugada pelo homem branco.

A presença fantasmagórica de um homem que aparece e some de repente para brincar com a menina no quintal leva a narradora às seguintes considerações: “Parecíamos velhos conhecidos. Quem é ele? – pensava. Vovó Olívia costurava uma colcha de retalhos. Costurava ponto por ponto. Não tenho certeza, pois nunca vi a colcha pronta.” A metáfora da tessitura literária ou da tessitura da vida é apresentada: a vó junta os pontos ou as peças de um quebra-cabeça antigo a fim de reconstruí-lo. A colcha pronta, a história finalizada, contudo, nunca se conclui – assim como o texto literário, eternamente suscetível de novas leituras. E é este o gesto que prevalece na escrita de Esmeralda Ribeiro, uma vez que o conto em estudo configura-se como uma nova possibilidade à história triste da Clara barretina, um “corpo dócil”, utilizando expressão de Michel Foucault, pouco afeito ao revide ou à reação.

Posteriormente o conto de Ribeiro fornece novas pistas intertextuais: a menina reconhece um quadro na parede cuja foto tem as mesmas características físicas do homem do jardim, e no qual ela reconhece as iniciais “LB”. Há uma certa fusão das personagens vovó Olívia e do homem, pois quando a garota o observa datilografando algo com pressa, ao se aproximar encontra a avó, costurando seus retalhos, porém com o mesmo sorriso do enigmático homem na face.

Com o passar dos anos, o corpo da menina transforma-se em um corpo de mulher e ela começa a namorar Cassi Jones. O malandro carioca de Lima Barreto guarda praticamente a mesma caracterização em Ribeiro: sardento, andava bem vestido e não gostava de trabalhar. No entanto, em Barreto, o cantor de modinhas seduz Clara nesses momentos de seresta, como a reiterar um elemento típico dos subúrbios cariocas nas primeiras décadas do século XX, ao passo que no conto de Esmeralda Ribeiro ela praticamente o conhece por acaso.

Finalmente é chegado o Dia de Todos os Santos, ou o “Dia D”, nas palavras da avó. Não é à toa que os acontecimentos se desenrolam neste dia, já que se trata de uma festa celebrada em honra de todos os santos e mártires pela Igreja católica. É como se Esmeralda Ribeiro dissesse a nós, leitores, que, em honra à mártir Clara dos Anjos, a narradora do conto comete uma vingança. A primeira subversão ao conto original se dá quando, voltando pra casa, a menina é interpelada pela mãe de Cassi Jones, que a insulta: “Você é a quinta negra que meu filho deflorou e também não vai ficar com ele. Nesse exato momento está com outra garota”. No conto original, é Clara dos Anjos quem, deflorada pelo rapaz, procura sua mãe, na esperança de que ela pudesse ajudá-la. Na sequência, a Clara de Esmeralda Ribeiro, imbuída de um sentimento de raiva, compra uma faca. Outra insubmissão em relação ao texto de Lima Barreto, já que a primeira Clara é frágil como uma flor de estufa, ao passo que a segunda tinha “coragem de sobra” para fazer o que faria: dirige-se ao tal hotel e o mata a facadas. Ao retornar à casa da avó, encontra Lima Barreto escrevendo a máquina e então se dá o seguinte diálogo:

- Você matou Cassi Jones? – Ele interrompeu o meu devaneio.

- Matei – respondi. “Como soube disso?”, interoguei-me.

- Bravo! Esse era o outro final que eu queria para o cafajeste do Cassi Jones.

O escritor tirou da máquina o papel, rasgou em pedacinhos e jogou no lixo. Olhou para vovó e disse: “Obrigado. Eternamente obrigado.” Então vovó Olívia falou aquilo: “Tinha de ser assim, minha neta”, e continuou: “Nós não devemos aceitar o destino com resignação.” Fiquei parada, olhando para os dois. Vovó prosseguiu: “Não tive culpa, foi ele quem pediu pra voltar.” (Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 7 jul. 2019).

Como se percebe, dois planos ficcionais se interpenetram, ou as duas histórias, retomando a teoria de Ricardo Piglia sobre a formulação do conto em “Teses sobre o conto”, texto em que afirma que todo conto sempre conta duas histórias, uma mais aparente, e uma outra, cifrada, que vai se infiltrando nas brechas

da primeira. No conto de Esmeralda Ribeiro, a segunda história é a releitura, a reescrita da primeira: ao jogar o papel que datilografava fora, o então personagem Lima Barreto coloca por terra a conhecida versão de “Clara dos Anjos”, na qual a moça é enganada, reiterando uma espécie de fatalidade que paira sobre o destino da mulher negra, supostamente condenada ao abuso e à violência sexual. O novo final redime a mulher negra, apontando novas perspectivas, sob o signo da resistência. Nas palavras de Liebig: “(...) o contexto barretino é contemplado não por uma filiação especular, mas por uma relação descontínua que fatura e suplementa a narrativa de origem.”

A Clara dos Anjos de Esmeralda Ribeiro, portanto, é uma personagem que não aceita ser tratada com desrespeito e se rebela; mesmo vivendo sob a sombra de uma sociedade opressiva, não permanece inerte, e usa da violência física para expressar sua discordância com a forma como o mundo opera. É exatamente ao se posicionar assim que essa personagem assemelha-se à Natalina de Conceição Evaristo, como se verá adiante.

“Quantos filhos Natalina teve”: negação da maternidade como resistência ao *status quo*

“Quantos filhos Natalina teve”, conto publicado por Conceição Evaristo em *Olhos d’água* (2014), coletânea que apresenta textos os quais refletem sobre a condição negra na sociedade – sobretudo, a situação da mulher negra –, é um texto emblemático no que se refere a formas de enfrentamento possíveis do corpo negro feminino em uma sociedade na qual este mesmo corpo não é visto como pertencente à própria mulher, mas sim como sendo de usufruto geral, uma vez que à mulher negra é negada a voz e, muitas vezes, o acesso a direitos básicos. Acerca das narrativas de Conceição Evaristo, Constância Lima Duarte assevera: “Escrita de dentro (e fora) do espaço marginalizado, a obra é contaminada da angústia coletiva, testemunha a banalização do mal, da morte, a opressão de classe, gênero e etnia. E ainda se faz de porta-voz da esperança de novos tempos.” (DUARTE, 2018a, p. 148) A voz individual de cada uma das personagens, então, assume uma proposta coletiva, ao traduzir, de algum modo, as diversas vivências de ne-

gros em situação de subalternidade, mas não somente isso: a resistência aos padrões impostos e às adversidades sociais, entrelaçadas a questões histórico-sociais, dá a tônica em muitas narrativas.

Eduardo de Assis Duarte chama a atenção para o fato de que a violência retratada nos textos de Conceição Evaristo diferencia-se radicalmente da violência comumente encontrada na literatura brasileira. E isso não somente devido ao fato de tal violência imbricar questões como gênero e raça, mas sobretudo devido a uma *forma* distinta, “entendida como *linguagem e projeto*” (DUARTE, 2018b, p. 213, grifos do autor). Duarte compara a escrita de Conceição à de Rubem Fonseca: enquanto nos contos deste a violência apresenta-se de modo espetacular, a fim de chocar o leitor, por meio de técnicas narrativas que recorrem inclusive ao cinematográfico, nos de Evaristo destaca-se a poeticidade com que a violência é narrada, bem como a humanização das personagens, ocupem elas o lugar de “mocinhas” ou “vilãs”. Aliás, é justamente devido a este fato que as personagens de Conceição Evaristo não se enquadram em categorias estanques como carrascos ou vítimas, ao contrário, a escritora perscruta a dubiedade que é própria do ser humano.

Em “Quantos filhos Natalina teve”, a protagonista reage com base em sua inserção como sujeito às voltas com a violência sistêmica que impera na sociedade. Negra e pobre, a maternidade se lhe apresenta por quatro vezes: nas três primeiras, recusa o filho; na última, aceita-o, apesar de ele ser fruto de uma violência explícita, um estupro vivido por Natalina. Já no começo do conto o leitor se vê surpreendido pela rejeição sentida pela personagem em relação às três primeiras vezes em que engravidou:

Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá de dentro respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz. Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não. Os outros era como se tivessem morrido no meio do caminho. Foram dados logo após e antes até do nascimento. As outras barrigas ela odiara. Não aguentava se ver estufando, estufando, pesada, inchada e aquele troço, aquela coisa mexendo dentro dela. Ficava com o coração cheio de ódio (EVARISTO, 2014, p. 43).

Chama a atenção o nome “maternal” da personagem que dá título ao conto, e, mais ainda, o fato de seu destino contrariar o modo como foi nomeada em sua origem. Após o excerto que inicia o conto, citado acima, descortinam-se, progressivamente, as situações conjunturais – e penosas – que fizeram com que, contrariando todas as expectativas socialmente estabelecidas, Natalina simplesmente abandonasse os filhos. Na primeira gravidez, era uma jovem adolescente de treze anos que “brincava gostoso quase todas as noites” com o namorado Bilico. O início precoce da vida sexual ou mesmo a exposição a certas situações – por diversas vezes vira a mãe beber chás para abortar –, muito possivelmente aliada à desinformação que imperava no ambiente pobre em que vivia, culminaram em uma gravidez indesejada. Quando a mãe ameaça levá-la a uma parteira para abortar, a garota foge, pois diziam que Sá Praxedes comia meninos. Por meio dessa informação, o leitor percebe o quão pueril ainda era a mente da menina, ainda que o corpo já fosse o de uma mulher, exposta desde cedo à sexualidade, como ocorre frequentemente com os corpos negros, sexualizados e subalternizados. O menino de Natalina é dado a uma enfermeira no hospital: “A menina-mãe saiu leve e vazia do hospital! E era como se ela tivesse ganho uma boneca que não desejasse e cedesse o brinquedo para alguém que quisesse.” (EVARISTO, 2014, p. 45-46).

Mirian Cristina dos Santos salienta o fato de que Natalina foi criada em uma estrutura familiar em que permanecia em casa cuidando dos irmãos menores, em uma relação especular com a mãe, pois repetia suas ações – inclusive tenta tomar os mesmos chás abortivos que vira a mãe tomar em outras ocasiões. Santos retoma Simone de Beauvoir para mostrar que não havia uma diferença entre as tarefas e a própria vida da menina e da mãe, numa aproximação entre o que seriam a fase infantil e a fase adulta. Assim, a pesquisadora questiona: “Nesse processo de construção de subjetividade, construída por meio do espelho da mãe, seria mesmo coerente Natalina repetir a história materna?” (SANTOS, 2018, p. 149) Afinal, a mãe reclamava da constante falta de dinheiro e do fato de ter que alimentar um homem e sete crianças... Seria essa a única possibilidade na vida de Natalina? Se tivesse que carregar um filho já aos treze anos, muito provavelmente sim.

A segunda gravidez era fruto de seu relacionamento com Tonho, que fica feliz com a notícia e quer formar uma família com a moça. No entanto, Natalina não se vê enquadrada nos padrões normativos vigentes na sociedade, segundo os quais o destino de uma mulher é se casar e ter filhos. Sentia-se dona de seu próprio corpo e de suas vontades. Ao nascer, o filho é entregue a Tonho, que nunca entendeu “a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho...”. (EVARISTO, 2014, p. 46) Vinda de uma família com sete irmãos, Natalina não acreditava que essa instituição pudesse, efetivamente, oferecer uma estrutura a ela. Além disso, ser mãe limita o espectro de atuação de uma mulher, devido às inúmeras funções assumidas com a chegada de um filho. De acordo com Adrienne Rich, “sob o patriarcado, a possibilidade feminina foi literalmente aniquilada em benefício da maternidade. (...) Às mulheres nos controlam amarrando-nos a nossos corpos.” (RICH, 2019, p. 58, tradução minha).

A terceira gravidez de Natalina é mais emblemática no que se refere ao modo como o corpo feminino negro é visto pela sociedade: sempre à disposição de um jugo servil. Natalina trabalhava como empregada doméstica para um casal que não conseguia ter filhos, até que a patroa a interpela para que fosse uma espécie de “barriga de aluguel”. Ela dorme várias vezes com o patrão até finalmente conseguir engravidar, no que seria a sua pior gravidez, aquela em que mais sentia náuseas – aliás, os enjoos iniciam-se antes de ela engravidar, quando a patroa lhe faz a proposta indecorosa. A ânsia de vômito é significativa e parece expressar o que o inconsciente da personagem lhe dizia: o sentimento de asco por uma situação em que Natalina era humilhada, vilipendiada, e seu corpo, ultrajado e explorado para atender aos anseios de uma classe branca, detentora de poder e de dinheiro: “Tudo passava lento, os nove meses de eternidade, os enjoos. O estorvo que ela carregava na barriga fazia feliz o homem e a mulher que teriam um filho que sairia dela. Tinha vergonha de si mesma e deles.” (EVARISTO, 2014, p. 48).

A quarta gravidez, no entanto, parece ser a mais paradoxal e, justamente por isso, configura-se como uma espécie de resistência a vozes sociais que querem decidir o que é melhor para uma mulher. Vítima de estupro, Natalina não hesita em matar seu algoz quando tem a oportunidade:

O movimento foi rápido. O tiro foi certo e tão próximo que Natalina pensou estar se matando também. (...) Só que guardou mais do que o ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada. Guardou mais do que a coragem da vingança e da defesa. Guardou mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem. (EVARISTO, 2014, p. 50).

No entanto, Natalina opta por ficar com o filho que, paradoxalmente, era fruto dessa violência. Nas palavras de Santos: “(...) a escolha por esse filho e a rejeição aos demais indica uma autonomia de alguém que não tem dúvidas de suas preferências (...)” (SANTOS, 2018, p. 150) Curioso observar que, ainda que os três primeiros filhos não tivessem sido gerados a partir de uma violência física, Natalina parece relacioná-los, ainda que de modo inconsciente, a situações de violência simbólica comuns às mulheres negras, como a obrigatoriedade de constituir um lar, mesmo que não houvesse condições psicológicas ou financeiras para seu estabelecimento, como se esse fosse o destino de todas as mulheres, ou ainda a submissão a uma “barriga de aluguel” devido à dependência financeira por um emprego ou mesmo a um sentimento de inferioridade em relação à patroa branca. Nas palavras de Vania Vasconcelos:

A personagem parece buscar, mais que tudo, a posse de si mesma, libertando-se de qualquer imposição. Para Natalina, o destino que lhe traçaram no nome só seria assumido quando assim fosse sua vontade e de mais ninguém. Dessa forma, Evaristo discute a trama impositiva que enreda a vida de mulheres, mobilizando desde os sentimentos até os fatos e escolhas ao longo de suas vidas, criando uma personagem com rara consciência da importância de ser livre (VASCONCELOS, 2019, p. 85-86).

Essa rara consciência de liberdade mostra que Evaristo construiu uma personagem complexa, que sofre as consequências por ser mulher e por ser negra ao mesmo tempo, em uma sociedade que desqualifica a mulher negra ainda mais do que a branca, justamente devido às confluências entre gênero e raça:

As intersecções das formas de opressão não podem ser vistas como uma simples sobreposição de camadas, mas sim como a “produção de efeitos específicos” (...) O racismo (...) não funciona como uma ideologia e estrutura distintas; ele interage com outras ideologias e estruturas de dominação como o sexismo (...) (KILOMBA, 2019, p. 98-99).

Em “Guarde segredo”, também Clara é personagem em princípio tão vulnerável como Natalina. No entanto, nenhuma das duas permanece presa às amarras que tanto o gênero quanto a raça apresentam ao corpo feminino negro. A seguir, veremos como se dá o diálogo entre os contos estudados.

À guisa de conclusão: aproximações entre Esmeralda Ribeiro e Conceição Evaristo

“Guarde segredo” e “Quantos filhos Natalina teve” são contos que apresentam protagonistas fortes, que tomam determinadas decisões e delas não se arrependem. É possível perceber uma espécie de consciência por parte das personagens em relação aos modos de vida que lhes cercam e à posição que ocupam. Se no conto de Esmeralda Ribeiro isso é mais explícito, no conto de Conceição Evaristo essa consciência se apresenta pelas reiteradas recusas por parte da personagem a assumir a maternidade. Tal consciência, portanto, expressa-se na práxis, no campo da ação, não é elaborada pela personagem. Seja como for, em ambos os textos o corpo negro, frequentemente visto como objeto de trabalho ou, no caso da mulher negra, também como objeto sexual, é redimensionado, e a mulher de objeto passa a ocupar o papel de sujeito de seu próprio discurso e/ou de seu próprio corpo. Conforme Fernanda R. Miranda,

como ideia, a literatura negra congrega uma potência irredutível de ruptura, porque mescla em um sintagma dois nominativos [“literatura” e “negra”] que a racionalidade eurocêntrica não concebe em paralelo (...) a “literatura negra” causa incômodo e reação porque deliberadamente posiciona o negro como sujeito da escrita (MIRANDA, 2019, p. 18).

Além disso, é significativo o fato de que tanto Clara quanto Natalina se valem de violência física diante de seus agressores: nenhuma das duas hesita em eliminar seus oponentes – Clara, humilhada pela mãe de Cassi e usada sexualmente por ele, e Natalina, vítima de estupro. Esse aspecto é significativo: ao reagirem contra seus algozes, reagem, na verdade, contra todo um sistema hegemônico, construído historicamente, social e culturalmente, que sempre confinou o corpo negro feminino à subalternidade. Tanto a facada quanto o tiro, na verdade, são emblemas, símbolos de um enfrentamento maior, que se expressa, inclusive, no próprio texto literário.

Tanto em Conceição Evaristo como em Esmeralda Ribeiro, a representação da mulher negra foge aos estereótipos comumente encontrados em nossa literatura. Florentina de Souza (2017) retoma algumas dessas figurações estereotipadas, como por exemplo Rita Baiana, de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, a “Irene boa”, de Manuel Bandeira, a “Nega Fulô”, de Jorge de Lima, e Vidinha, do romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Para Djamila Ribeiro (2017), existe um olhar colonizador sobre o corpo da mulher negra, considerada, nas palavras de Grada Kilomba, o *Outro do Outro*: em um debate sobre o racismo, o foco recai sobre o homem negro; em um debate sobre o feminismo, o foco recai sobre a mulher branca. Tal dualidade mantém a “invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos” (Grada Kilomba *apud* RIBEIRO, 2017, p. 38). Desse modo, a literatura, como modo de representação estética da realidade, ao trazer representações de corpos negros que questionam a ordem estabelecida, contribui para que novas reflexões críticas sejam empreendidas sobre esses mesmos corpos.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade**. Entrevista concedida a Carla Gisele Batista. Disponível em: <www.geledes.org.br>. Acesso em: 8 maio 2020.

BERTH, J. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2018.

COUTINHO, A. **A tradição afortunada** – o espírito da nacionalidade na crítica brasileira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

DUARTE, C. L. Marcas da violência no corpo literário feminino. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (Org.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2. ed. Belo Horizonte: Idea, 2018a.

DUARTE, E. de A. Rubem Fonseca e Conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (Org.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. 2. ed. Belo Horizonte: Idea, 2018b.

DUARTE, E. de A. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/literafrro>. Acesso em: 1 jul. 2019.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIEBIG, S. M. **Ela matou Cassi Jones**: Esmeralda Ribeiro e a sub-rogação do discurso etnocêntrico. 2018. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/literafrro>. Acesso em: 7 jul. 2019.

MIRANDA, F. R. **Silêncios prescritos**: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006). Rio de Janeiro: Malê, 2019.

PEREIRA, E. de A. **Panorama da literatura afro-brasileira**. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/literafrro>. Acesso em: 1 jul. 2019.

PIGLIA, R. Teses sobre o conto. In: PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2017.

RIBEIRO, E. **Guarde segredo**. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/literafrro>. Acesso em: 7 jul. 2019.

RICH, A. **Nacemos de mujer**: la maternidad como experiência e institución. Madrid: Traficantes de Sueños, 2019.

SANTOS, M. C. dos. **Intelectuais negras**: prosa negro-brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

Maria do Rosário A. Pereira

SOUZA, Florentina de. Gênero e “raça” na literatura brasileira. In: EBLE, Laetícia Jensen; DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). **Literatura e exclusão**. Porto Alegre: Zouk, 2017.

VASCONCELOS, Vania. Maternidade, negritude e literatura. **Revista Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, v. 32, p. 75-88, jul.-dez. 2019.